

Consagrar a Maria, Mãe dos povos, para unir seus filhos

P. Alexandre Awi Mello, ISch

Desde o início do conflito entre a Rússia e a Ucrânia, o Papa Francisco não tem poupado esforços para tentar parar a guerra e sensibilizar os governantes a buscarem incessantemente a paz. Estes esforços são acompanhados por um apelo ao Povo de Deus para rezar, jejuar e demonstrar solidariedade para com aqueles que mais sofrem neste momento dramático.

É neste contexto que se compreende o ato de consagração ou entrega da Ucrânia e da Rússia ao Imaculado Coração de Maria no dia 25 de março, dia da Anunciação do Senhor, convocado pelo Papa Francisco. O CELAM e bispos de todo o mundo responderam diligentemente ao convite do Papa, unindo-se a ele neste gesto tão significativo.

A partir de nossos povos

De fato, os povos da América Latina têm uma especial sensibilidade para entender esta convocação, pois - nas palavras de São João Paulo II - " Pode-se dizer que a fé e a devoção a Maria e seus mistérios pertencem à identidade própria destes povos", cuja piedade popular é "forçosamente mariana" (Homilia no Santuário de Nossa Senhora de Zapopán, 30 de janeiro de 1979). Nos momentos de dificuldade, angústia ou perigo, nossos povos recorrem espontaneamente à proteção da Virgem Maria, entregando-se confiantemente a ela, para que ela possa interceder junto a Jesus por todas as suas necessidades.

Na história nacional e religiosa dos povos latino-americanos, foram freqüentes vários tipos de atos de consagração à Virgem Maria, tanto por parte dos colonizadores como dos povos indígenas. Podemos mencionar o voto de Bernardo O'Higgins à Virgem de Carmo no Chile, ou a entrega da pátria à Virgem de Luján por parte dos heróis argentinos.

São João Paulo II explicava que, na piedade de nossos povos, " Maria Santíssima ocupa o mesmo lugar preeminente que ocupa na totalidade da fé cristã. Ela é a mãe, a rainha, a protetora e o modelo. A ela se vem para a honrar, para pedir a sua intercessão, para aprender a imitá-la, quer dizer, para aprender a ser verdadeiro discípulo de Jesus.... Longe de manchar a insubstituível e única mediação de Cristo, esta função de Maria, aceita pela piedade popular, a destaca" (Homilia no Santuário de Nossa Senhora de Zapopán, 30 de janeiro de 1979).

O que significa consagrar a Maria

Desta forma, um ato de consagração a Maria - hoje em dia mais precisamente chamado de ato de entrega ou dedicação - pode ser realizado de forma pessoal ou comunitária. São Luís Maria Grignion de Montfort preferia defini-la como "consagração a Cristo pelas mãos de Maria" como uma forma consciente e subjetiva de renovação do Batismo, ou seja, da "consagração batismal".

Do ponto de vista teológico, o Diretório de Pastoral Popular e Liturgia explica que "à luz do testamento de Cristo (cf. Jo 19,25-27), o ato de 'consagração' é o reconhecimento consciente do lugar único que Maria de Nazaré ocupa no Mistério de Cristo e da Igreja, do valor exemplar e universal de seu testemunho evangélico, da confiança em sua intercessão e da eficácia de seu patrocínio, da multiforme função materna que desempenha, como verdadeira mãe na ordem da graça, em favor de todos e de cada um de seus filhos" (DPPL, n. 204).

A partir dos papas e dos bispos

Momentos como este têm se repetido na história recente da Igreja. Como é sabido, em 13 de julho de 1917, a Virgem Maria em Fátima teria pedido a consagração da Rússia a seu Imaculado Coração. João Paulo II consagrou o mundo a Maria em várias ocasiões, e a Irmã Lúcia, uma das videntes de Fátima, confirmou pessoalmente que o ato que ele realizou em 25 de março de 1984 correspondia ao pedido de Nossa Senhora.

Mas o Papa polonês não foi o primeiro pontífice a realizar tal ato. Antes dele, Pio XII consagrou a Igreja e o gênero humano ao Imaculado Coração de Maria (cf. Radiomensagem de 31 de outubro de 1942), e dez anos depois consagrou especificamente a Rússia ao Imaculado Coração de Maria (cf. Carta Apostólica *Sacro vergente anno* de 7 de julho de 1952). Paulo VI também o fez referindo-se a toda a humanidade (cf. Exortação Apostólica *Signum magnum*, 13 de maio de 1967).

Muitos bispos também fizeram e continuam a fazer o ato de consagração de seu povo a Maria em tempos de dificuldade e sofrimento. O episcopado libanês, por exemplo, consagrou o Líbano em 25 de março de 2017 em Fátima, e no mesmo santuário 24 países foram consagrados a Nossa Senhora em 25 de março de 2020. O próprio Cardeal Bergoglio realizou este ato em sua Arquidiocese em 1 de julho de 2002: "Querida Mãe nossa, Virgem de Luján. A teu imaculado coração materno, consagro esta cidade de Buenos Aires. Consagro a ti cada um de seus filhos. Tu nos conheces bem e nós sabemos que nos amas muito" (Consagração de Buenos Aires à Virgem de Luján no final da celebração da Solenidade de Corpus Christi, 1 de junho de 2002).

Maria no meio dos povos

Com efeito, o Papa Francisco gosta de dizer que "sempre está Maria no meio do povo" (*Evangelii Gaudium*, n. 284). De fato, os povos evangelizados são capazes de reconhecer seu lugar único no mistério de Cristo e da Igreja, vê-la como modelo das virtudes evangélicas e expressar plena confiança em sua intercessão e cuidado materno.

A Ucrânia e a Rússia são povos evangelizados. Maria encontra-se lá e atua como mãe, modelo e intercessora tanto para os ucranianos quanto para os russos. A consagração destes povos a Nossa Senhora é uma oração de entrega, de intercessão pelo bem de ambos os povos e do mundo inteiro, porque a paz é um bem para todos. Não é um ato político, mas religioso, que tem inclusive um caráter ecumênico.

É um gesto pensado para construir pontes. Os cristãos ortodoxos - muito presentes em ambos os países - são tão marianos, ou até mais marianos do que nós latinos. Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco lembra que Maria " compartilha as vicissitudes de cada povo que recebeu o Evangelho e entra a formar parte da sua identidade histórica" (EG 286). Ela é, de fato, parte da identidade cristã do povo russo e do povo ucraniano.

Sob o manto protetor da Mãe de todos

Como "Mãe de todos", Maria é capaz de unir os povos. Como diz um texto que o Papa Francisco ajudou a escrever, o Documento Final da V Conferência Geral do CELAM em Aparecida (2007): "Como na família humana, a Igreja-família é gerada em torno a uma mãe, que dá 'alma' e ternura à vida familiar. Maria, Mãe da Igreja, além de ser modelo e paradigma da humanidade, é artífice de comunhão" (Dap 268).

Uma comunhão que se constrói, portanto, sob o manto protetor de Maria. De fato, em várias ocasiões Francisco comentou que "isso o toca muito" e recomenda rezar com frequência "a primeira antífona mariana do Ocidente, Sub tuum praesidium ('Sob sua proteção nos refugiamos, Santa Mãe de Deus')". E o Papa o vincula espontaneamente a "uma antiga tradição dos místicos russos", que ensinam que "em tempos de turbulência espiritual, nada mais há a fazer senão refugiar-se sob o manto da Santa Mãe de Deus" (cf. Audiência no Centenário do Movimento Apostólico de Schoenstatt, 25 de outubro de 2014).

Este manto protetor é chamado de "pokrov" na tradição ucraniana, que Bergoglio conhecia bem na Argentina. De fato, em sua cidade natal está a sede da Eparquia ucraniana de Pokrov. Mais do que nunca, estas referências se tornam atuais e urgentes: é hora de seguir os conselhos dos monges russos neste momento de turbulência humana e espiritual, e de nos colocarmos como os ucranianos sob o "pokrov" da Virgem Maria, implorando que a guerra entre estes povos irmãos possa cessar e que o amor e a paz possam prevalecer.